



**A AUTOETNOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DA PRÓPRIA CULTURA
DOCENTE: ENTRE A ATUAÇÃO NO CAMPO DE TRABALHO E A CONTINUIDADE DE
FORMAÇÃO**

Leandro Oliveira Rocha
Fabiano Bossle

RESUMO

Este estudo trata da realização de uma autoetnografia na perspectiva de investigar a configuração da própria cultura docente. Essa opção metodológica foi adotada com o intuito de relacionar a opção pela formação inicial com o percurso profissional e as possibilidades de formação continuada em educação física. A escolha pela autoetnografia foi estabelecida a partir da delimitação do foco do estudo na compreensão da descrição, da convivência, dos sentimentos e da aprendizagem do sujeito que investiga a si mesmo em sua pesquisa. No esforço de tecer as considerações finais do estudo foi possível relacionar aspectos sociais com as possibilidades e limitações de formação e a possibilidade na carreira de pesquisador.

Palavras-chave: Autoetnografia. Cultura docente. Formação em Educação Física.

**AUTOETHNOGRAPHY AS A POSSIBILITY OF UNDERSTANDING OF THE OWN TEACHERS
CULTURE: BETWEEN THE ROLE AT THE FIELD WORK AND THE CONTINUITY OF
TRAINING**

ABSTRACT

This study addresses the conduct of an autoethnography at the prospect of investigating the setting of the teaching culture. This methodological approach was used with the intention of linking the choice of the initial training with the professional career and the possibilities from the continued education in physical education. The choice for autoetnografia was established from the delimitation of the study's focus on understanding the description, living, feelings and learning of the person that investigates himself in his research. In an effort to make the final considerations of the study was possible to relate the social aspects with the possibilities and limitations of the training and the possibility in the research career.

KeywoRds: Autoethnography. Teaching culture. Training in Physical Education.

**EL AUTOETNOGRAFÍA COMO UNA POSSIBILIDAD DE COMPRENSIÓN DE LA PROPRIA
ENSEÑANZA DE LA CULTURA: ENTRE LA EJECUCIÓN DE LOS TRABAJOS EN EL ÁMBITO
DE LA EDUCACIÓN CONTINUA**



RESUMEN

Este estudio aborda la realización de una autoetnografía en la perspectiva de investigar la configuración de propia cultura enseñanza. Esta metodología fue adoptada con el fin de relacionar la opción de una formación inicial en las carreras y las oportunidades de educación continua en la educación física. La elección de autoetnografía se estableció a partir de la definición de foco del estudio en la comprensión de la descripción, la vida, los sentimientos y el aprendizaje de lo sujeto que se investiga en su investigación. En un esfuerzo por hacer las consideraciones finales del estudio fue posible relacionar los aspectos sociales con las posibilidades y limitaciones de formación y la posibilidad de carrera de investigación.

Palabras clave: Autoetnografía. Enseñanza de la cultura. Formación en Educación Física

Introdução

O que inspira um professor a pesquisar a si mesmo? Penso que esta questão delimita o estudo à medida que me senti instigado pela curiosidade científica em aprofundar meus estudos, conhecer a mim mesmo e sobre o que aprendi nestes anos de formação em educação física, bem como, pela curiosidade em realizar uma autoetnografia, compreender minha cultura docente e descobrir o conhecimento produzido por esta metodologia de pesquisa. Assim, empreendi esforços na realização desta investigação autoetnográfica, baseada nas informações de Bossle (2009), durante os anos de 2010 e 2011 no Centro Universitário UNIVATES, sob orientação do próprio autor do artigo supracitado.

Conforme Bossle e Molina Neto (2010, p. 208) em 1999 a Etnografia surgiu no contexto da investigação qualitativa em educação física como estratégia em estudos sobre a ação pedagógica e o processo de formação do coletivo docente, com a intenção de oferecer outras alternativas metodológicas para a compreensão sobre o que fazem os professores de educação física nas escolas, emergiu a Autoetnografia “na perspectiva de investigar a própria prática docente”.

Deste modo, as autoetnografias compreendem um modo alternativo de pensar a produção de conhecimento, conforme Versiani (2005), seriam construções capazes de refletir escolhas teórico-políticas exigindo do pesquisador da cultura uma postura altamente auto-reflexiva.

Ao se referir ao processo autoetnográfico, Bossle (2009, p. 133) sustenta a ideia de “um tipo de etnografia centrada nas vivências do próprio sujeito que pesquisa em seu contexto social”, permitindo o reconhecimento, a descrição e a reflexão sobre a própria prática, neste modelo, o sujeito que interpreta é o mesmo que expressa o significado e é o autor da investigação.

Neste sentido, o autor seria convidado a repensar o seu papel de produtor de conhecimento e a sua própria subjetividade, construída interativamente e “circunstanciada por sua singular trajetória intelectual



e pessoal” (VERSIANI, 2005, p. 88). É a partir desta consideração que o presente estudo propõe investigar a própria cultura docente. Busco respaldo na perspectiva de Molina Neto (1997), para quem a cultura docente seria uma construção histórica e coletiva que os professores desenvolvem para enfrentar as demandas e pressões durante os anos de trabalho, que permitiria compreender o trabalho docente.

Para melhor compreender as informações e os argumentos deste estudo torna-se importante sublinhar que a autoetnografia ainda aparece como um desenho metodológico pouco utilizado na área de conhecimento da educação física, e entendê-la em profundidade seria um movimento de grande relevância sobre sua potencialidade metodológica (BOSSLE, 2009). A seguir, serão descritas e interpretadas algumas informações sobre o processo da minha formação inicial e as minhas experiências profissionais e, posteriormente, apresentadas algumas considerações que permitam compreender o professor que sou hoje e como cheguei até aqui.

Desenvolvimento

Conceitualmente, há diversas formas de interpretar a cultura. Molina Neto (1996) opta por defini-la como um sistema de representações, valores morais, regras sociais e códigos simbólicos interiorizados pelos indivíduos durante o seu processo de socialização (civilização) – construída dialeticamente, a partir das relações estabelecidas entre seres humanos e com a natureza em uma perspectiva acumulativa. Concepção na qual os componentes biológicos, psicológicos e sociais estariam presentes no ser humano interagindo como variáveis no seu comportamento (GEERTZ, 1989).

A partir desta delimitação, a compreensão sobre a cultura docente implicaria investigar o modo de vida e costumes, conhecimentos científicos e profissionais, determinados pelas suas experiências nos diferentes âmbitos de atuação. Explica Molina Neto (1997, p. 35) que a cultura docente “sintetiza e engloba o âmbito do trabalho e do não trabalho, entre o sujeito que ensina e o sujeito que ri, que joga e que vive”. Com base na compreensão destes conceitos, tomou forma o problema desta investigação, formulado da seguinte maneira: *Como as experiências da formação inicial e profissionais contribuíram para a construção da minha Cultura Docente?*

Construir esta autoetnografia exigiu, em primeiro lugar, a tarefa a qual considerei complexa de estranhar a minha própria trajetória pessoal e profissional, para que, de alguma forma, fosse possível encontrar nas situações vividas e experimentadas as relações entre a subjetividade e a cultura (VERSIANI, 2005) e, em segundo lugar, o exercício de autocrítica necessário ao viés dos estudos autobiográficos e autoetnográficos. Esta autoetnografia permitiu descrever como entendo meu “conviver” e explicá-lo à luz dos meus próprios sentimentos em relação a tudo o que ocorre em meu entorno (relação que cada sujeito estabelece com seu contexto – macro e microsociedade). Perspectiva esta apoiada por Huberman (2007, p. 55) ao afirmar que a pessoa que mais sabe sobre uma dada trajetória profissional é a que a viveu, do mesmo modo que “a maneira como essa pessoa define as situações com que se viu confrontada desempenha um papel primordial na explicação do que se passou”.



Inicialmente apresento a investigação de Santos, Bracht e Almeida (2009), que destaca a paixão pelos esportes e o envolvimento com ele antes mesmo da entrada na universidade como o motivo mais comum pela escolha da docência em educação física. Informação que permitiria aproximar os 15 anos marcados pelas experiências ricas com a ginástica, a capoeira, as lutas, a dança – desde a minha entrada na Educação Básica até o início da graduação no ano de 2001 – com a opção pela educação física.

Depois de concluída a Educação Básica, em escolas da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul, iniciei meus estudos no curso de Educação Física do Centro Universitário UNIVATES, colando grau em 2006. Até o ano de 2005 trabalhei fora da área da educação física para conseguir pagar os meus estudos, o que motivou a busca por formação complementar – através de cursos de extensão – e experiências profissionais na área da educação física. Pretendendo acumular aprendizagens e conhecer o campo de atuação, pensamento explicado por Huberman (2007, p. 37) como a fase da exploração, que “consiste em fazer uma opção provisória, em proceder a uma investigação dos contornos da profissão, experimentando um ou mais papeis”.

Paralelamente ao período acadêmico participei de maneira voluntária como monitor dos projetos e eventos esportivos ligados ao Curso de Educação Física. Atuações que me renderam, além de experiências, o reconhecimento pelos professores do referido Curso e, conseqüentemente, o cargo de professor de jogos cooperativos no projeto “A União Faz a Vida” da UNIVATES durante o ano de 2006.

No ano de 2007, recém-formado, fui contratado como professor de Capoeira pela prefeitura Municipal de Estrela/RS, com aulas para crianças carentes de 6 a 14 anos, no turno oposto a escola, atividade que exerço até hoje. De início, a pouca experiência sobre o cotidiano escolar causava temor, pois me sentia despreparado, já que parecia longa a distância “entre aquilo que acontece nos cursos de formação e a prática pedagógica” (SANTOS; BRACHT; ALMEIDA, 2009, p. 147). Contudo, esta recordação sobre o processo inicial se constitui em importante conhecimento à medida que demarcam uma posição crítica de superação das abordagens amparadas na prática.

Na posição de funcionário concursado do Centro Universitário UNIVATES (desde 2002), no ano de 2005 passei a trabalhar junto à coordenação do curso de Educação Física e, em 2008, fui remanejado para a coordenação do Complexo Esportivo, com atuação nas atividades administrativas, eventos esportivos e nas aulas de ginástica de academia e musculação. No ano seguinte substituí minhas atividades na academia de musculação pelo cargo de professor/técnico das Escolinhas de Ginástica Artística e de Trampolim da UNIVATES. Atividade que, depois de trabalhado como auxiliar, se tornou a minha área de atuação escolhida. Opção que reflete o que Huberman (2007, p. 40) explica como o momento em que o professor escolhe a sua “identidade profissional”.

Sentindo a necessidade de aprofundar meus conhecimentos ingressei no Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Fisiologia do Exercício e do Desporto da UNIVATES no ano de 2009. Uma iniciativa apoiada no desejo de continuidade de formação, que pode ser observado ao longo do processo de formação inicial até os dias de hoje, por meio das pesquisas que desenvolvi e das participações e apresentações em eventos científicos.

Em vistas das várias atuações nas diversas áreas de mediação profissional da educação física, a convivência e amizade com os professores, os cursos de extensão, as pesquisas científicas, questiono: O



que aprendi nesta trajetória? O que considerei importante? Quais os limites? E as possibilidades? Pensei em mercado de trabalho ou na formação acadêmica científica? Porque não investi na carreira de pesquisador?

No esforço de interpretar minha própria trajetória, compreendo como uma aprendizagem significativa a capacidade de adaptação às circunstâncias, que, no presente contexto, pode ser entendida como a busca por formação continuada e por metodologias que contemplem, simultaneamente, a ação pedagógica e a realidade local. De um lado, a adaptação seria a preparação (intelectual e autocrítica) àquilo que pode ser previsto e de outro a possibilidade de consciência sobre o imprevisto. Perspectiva apoiada na ideia de adequar metodologias e atitudes a partir do entendimento do contexto local. Pensamento aproximado ao que Huberman (2007) apresentou como a relação-chave que estaria entre as representações e as ações dos indivíduos mediadas por contextos precisos.

Para entender os limites e as possibilidades desta trajetória, novamente me remeto aos estudos de Huberman (2007, p. 55) que destaca no ciclo de vida profissional o “processo dialético”, no qual o indivíduo se encontraria sempre em estado de tensão entre as forças internas (maturacionistas, psicológicas) e externas (culturais, sociais, físicas), num jogo de influências combinadas, e presentes os papéis sociais: idade adulta, momento de estudar, trabalhar, casar, e os acontecimentos sociais: crises, guerras, epidemias e desastres naturais.

Considerando a minha trajetória profissional e a cultura que estou inserido, pensar em mercado de trabalho ou na formação acadêmica científica representaria tomar decisões permeadas pelo desejo de formação continuada e pela necessidade de sustento e manutenção das necessidades materiais que acometem à todos os cidadãos.

Considerações finais

Com o intuito de tecer algumas considerações ao final deste estudo, destaco como primeiro aprendizado o entendimento desta metodologia de pesquisa, que, apresentada como uma possibilidade de investigação da própria prática docente, permitiu identificar aspectos da própria cultura e “traduzi-los” para outras pessoas (BOSSLE; MOLINA NETO, 2010, p. 232).

Convivi, descrevi, senti e aprendi com minhas experiências e ao longo da formação. Fui envolvido pela desafiadora tarefa de me colocar no papel de sujeito e autor da pesquisa – que recorda e descreve a própria história profissional, carregada do seu conteúdo emocional, a interpreta à luz da revisão de literatura e propõem considerações sobre a própria cultura docente. Tudo isto simultaneamente, o exercício autorreflexivo não obedecem aos protocolos tradicionais. As lembranças, os sentimentos, a fundamentação teórica, a interpretação e a análise, se entrelaçam e permaneceram presentes durante todo o processo. Fazer pesquisas também é romper alguns padrões convencionais.

Através da autoetnografia percebo a intensidade de trabalho realizado, remunerado e não remunerado, que desgasta física e psicologicamente e, se não obstante, interfere e conflita com o convívio



pessoal e expectativas profissionais. O início da carreira docente em educação física não é fácil, ter que trabalhar tanto limita a ação de pesquisar. A entrada nesta carreira tem determinadas características, tarefas a serem cumpridas, separadas por fases distintas e vividas ao longo da formação (HUBERMAN, 2007).

Na medida em que é preciso trabalhar para viver, sem tempo (em horas) suficiente e definido para leituras, orientações e participação em grupos de estudos, restariam articular estratégias que, de alguma forma, suprissem estas necessidades – comprometendo a continuidade da formação científica. Concordo com Molina Neto (1997, p. 39) ao sublinhar que a “disponibilidade para a formação é um traço que marca a cultura docente”, formação que se apoiaria na investigação da própria prática.

No contexto de Lajeado/RS, de imigração marcadamente germânica, alguns aspectos da cultura mais ampla contribuíram para que eu me tornasse o professor que sou hoje. A autoetnografia, na medida em que se constitui como estudo de minha própria cultura docente, permite compreender que as experiências de formação – educação básica, inicial em educação física e continuada – se constituem em uma trajetória demandada pelo campo de trabalho local, das oportunidades de atuação com educação física no contexto de Lajeado e, que a pretensão de continuidade de formação depende da organização prévia e planejada que contemple as expectativas de formação e a necessidade de me manter em condições dignas (remuneração). É esta situação que marca esta autoetnografia: como equilibrar o desejo de continuar a estudar, aprender, me manter atuando e tendo um salário suficiente para dar conta das necessidades materiais?

A remuneração do professor de educação física faz crer em uma desvalorização imposta pelo mercado de trabalho que define que alguns profissionais que executam determinadas atividades devem receber mais, enquanto outros, menos. Parece-me que esta consideração sobre a desvalorização do professor de educação física aliada ao caráter dispensável atribuído aos estudos científicos aparecem como elementos da cultura local que limitam a continuidade de formação.

Retomando o problema de pesquisa formulado: *Como as experiências da formação inicial e profissionais contribuíram para a construção da minha Cultura Docente*, destaco que o processo de pesquisa autoetnográfica permitiu compreender que minha própria cultura docente foi construída na mediação entre a atuação no campo profissional e o desejo de continuidade a estudar. Sublinho minha compreensão de que há, claro, necessidade de aproximação entre uma e outra, no sentido de problematizar o cotidiano. Foi possível compreender também que algumas opções profissionais ocuparam demasiadamente o tempo em que poderia estar envolvido com pesquisa e estudos. O reconhecimento dos sentimentos que afloram deste processo é de frustração. Neste sentido, na medida em que priorizei o campo de trabalho e não me dediquei mais profundamente à pesquisa, entendo que há uma lacuna que interrompe o processo de formação continuada.

Penso que, o processo de formação continuada aparece regido pelo descrédito da pesquisa no contexto sociopolítico local e, entendendo que por meio a relação entre a pesquisa e as melhorias na qualidade de ensino as investigações sobre a cultura docente se configurariam como possibilidades de compreender as realidades locais e contribuir para promover o perfil de investigador que ensina. Na



perspectiva final de subsidiar projetos de formação inicial e continuada, e outras concepções sobre a pesquisa e a carreira de pesquisador.

Referencias

BOSSLE, F. **No “Olho do Furacão”**: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas, v. 31, n. 1, p. 131-146, setembro 2009.

BOSSLE, F.; MOLINA NETO, V. Autoetnografia: mais uma opção metodológica para alguns problemas no âmbito da Educação Física. *In: MOLINA NETO, Vicente; BOSSLE, Fabiano (Orgs.). O ofício de ensinar e pesquisar na educação física escolar*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. *In: NÓVOA, António (Org.). Vidas de professores*. Tradução Maria dos Anjos Caseiro, Manuel Figueiredo Ferreira. 2. ed. Porto: Porto Editora, LDA, 2007. p. 31-61.

MOLINA NETO, V. **A Cultura do professorado de educação física das escolas públicas de Porto Alegre**. *Movimento*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 1997, p. 34-42.

MOLINA NETO, V. **La cultura docente del profesorado de educación física de las escuelas públicas de Porto Alegre**. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências da Educação) – Curso de Educação Física, Universidad de Barcelona, U.B., Espanha, 1996.

SANTOS, N. Z.; BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. Vida de Professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. *Movimento*, Porto Alegre: UFRGS, v. 15, n. 02, p. 141-165, abr./jun. 2009.

VERSIANI, D. B. **Autoetnografias**: conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

Rua Cristóvão Colombo, nº 41, Campestre, Lajeado/RS CEP 95900-000

leandro_o_rocha@yahoo.com.br